

Serginho Groisman

30 de Junho de 2008



Jornalista e apresentador. Comanda os programas Altas Horas e Ação, além de apresentar o programa de entrevistas Tempos de Escola, do Canal Futura, que visa a reflexão sobre a importância da escola na vida de personalidades famosas. Já atuou como professor universitário nas disciplinas de Rádio e Telejornalismo.

Tema: Novas mídias e novas linguagens na comunicação. Abordou também a relação entre jornalismo e entretenimento. “O jornalismo não precisa ser tão careta, tão carrancudo”, salientou.

Foi a palestra experimental no formato “UniBrasil Futuro”.

Daniel Piza

17 de Novembro de 2008

Jornalista e escritor. Foi editor executivo do jornal O Estado de São Paulo, trabalhou na Folha de São Paulo e na Gazeta Mercantil e foi comentarista da Globo News e da Rádio CBN. Traduziu oito livros, organizou seis e publicou quatorze obras. Autor da biografia Machado de Assis - um Gênio Brasileiro, lançada em 2005.

Tema: Um novo olhar sobre a obra de Machado de Assis. Para Piza, a grande marca da obra de Machado de Assis é a narrativa sobre o seu tempo. As biografias publicadas sobre o autor, antes de Piza, tratavam do literato e não do homem. “Nestes 70 anos em que ele viveu, o Rio se modificou extraordinariamente, o que é muito interessante para um escritor”, ressaltou.



Arnaldo Antunes

21 de Novembro de 2008

Poeta, cantor e compositor. Participou da banda Os Titãs, atualmente segue carreira solo musical e publica poesias. É um artista eclético, que muito antes da onda multimídia já dividia seu tempo entre atividades que vão de música e poesia a teatro e curadoria. Seu olhar sempre voltado para o futuro é uma inspiração para a atual geração.

Tema: Antunes falou sobre sua carreira, sobre como vê a música e a poesia: “me sinto um fazedor de coisas, trabalho com inúmeras linguagens. O que move as coisas é a palavra. Palavra, pra mim, é um porto seguro”.

Para encerrar, Antunes declamou algumas de suas poesias e, à capela, cantou trechos de “O pulso”.



Douglas Santucci

Gustavo Franco

07 de Maio de 2009



Juliano Pedrozo

Mestre em Economia do Setor Público e Doutor pela Universidade de Harvard, Franco foi Secretário Adjunto de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Diretor de Assuntos Internacionais e Presidente do Banco Central do Brasil, entre 1997 e 1999.

Tema: O Brasil e a crise econômica mundial de 2008. “Hoje, quando aparecer a mais célebre das crises internacionais dos últimos cem anos, talvez o país esteja mais preparado, mais robusto. Não que não vá ter efeito, claro que vai ter efeito, mas talvez menos do que o da crise de 99, a crise da Rússia”.

Sobre os mecanismos utilizados pelo governo brasileiro para atenuar a crise, Franco analisou que foram na direção correta. “Há divergência quanto à dosagem. Especula-se: a taxa de juros poderia ter caído mais, a taxa de câmbio deveria ter sofrido mais intervenções. Enfim, nunca vai haver 100% de acordo com todo mundo, mas a maior parte dos profissionais de economia concorda que a direção foi correta”.

Gustavo Franco

09 de Março de 2010

“Shakespeare e a Economia” foi o tema abordado pelo economista Gustavo Franco em 2010, quando participou pela segunda vez do Projeto UniBrasil Futuro.

Tema: Shakespeare e a Economia. Gustavo Franco analisou Shakespeare como “homem econômico”. Falou sobre sua vida enquanto empreendedor e revelou uma faceta surpreendente: Shakespeare teve grande sucesso financeiro. “Acostumados ao estereótipo do gênio criador malsucedido em questões de dinheiro, descobrimos que um dos maiores poetas e dramaturgos que já existiu morreu rico, tendo sido sócio de teatros e proprietário de terras, além de gênio”.

Gustavo Franco fez uma avaliação da sociedade e, principalmente, do teatro da época; como funcionavam as companhias, como se compunham as plateias, de que forma eram realizados os financiamentos dos espetáculos. O percurso de estabilização da moeda nacional e, paralelamente, o idioma tal como falado no dia a dia foram registrados na obra de Shakespeare, e seu estudo revela importantes características da época elizabetana, sendo úteis a historiadores, economistas, literatos e vários outros profissionais.



Gustavo Franco

18 de Maio de 2011



Tema: A incrível história da moeda e da hiperinflação no Brasil. Franco falou sobre a hiperinflação e tragédia distributiva que atingiu as populações de baixa renda. Ele elencou como o fenômeno ocorreu no Brasil e traçou um panorama cronológico, amparado em três principais momentos: 1933, 1965 e 1994.

Em 1933 predominou a ordem “getulista e juscelinista”, em que ocorre uma reorganização institucional do padrão ouro. Em 1965, a ideia de controle cambial se tornou mais severa e o orçamento monetário ficou maior que o orçamento da união. Há o mito na neutralidade da correção monetária e os bancos compartilham com o governo a emissão de dinheiro. A inflação brasileira foi a maior do mundo entre 1961 e 1994.

Já em 1994, ocorreu a restrição de outras moedas de conta, a recaptura do Conselho Monetário Nacional (CMN) e o controle do orçamento monetário. O Banco Central tornou-se mais independente e houve a regulação bancária.

O ex-presidente do Banco Central também ressaltou que o congelamento e o corte de zeros ajudaram a conter a inflação. “Hoje o Banco Central cumpre a sua função. Sua missão deveria estar expressa no texto da Constituição Federal”.

O economista também mostrou a iconografia do dinheiro, a desvalorização das moedas e a escassez dos heróis nacionais para serem estampados nas cédulas.

Osmar Dias

28 de maio de 2009

Osmar Fernandes Dias é paulista criado em Maringá (PR). Engenheiro agrônomo, foi professor e iniciou na política em 1983. Foi Secretário de Agricultura do Paraná e também Senador da República.

Tema: Educação, saúde, economia, agricultura e meio ambiente. Como ex-secretário da Agricultura do Paraná (1987/1994), Dias iniciou sua fala abordando o agronegócio e a relação com a economia paranaense. “A vocação econômica do Paraná é o agronegócio”, destacou. Esse setor é responsável por 47% das exportações e por 40% dos empregos do Estado. Sobre esse tema, comentou que é favorável ao plantio de transgênicos, desde que haja cautela legal da Comissão de Biossegurança. “O mundo todo pesquisou sobre isso. A ciência dá o amparo nesse assunto. Precisamos encarar o avanço tecnológico”.



Paulo Bernardo Silva

15 de Junho de 2009



Paulo Bernardo foi Deputado Federal, Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão durante o governo Lula. Atualmente é Ministro das Comunicações.

Tema: O governo Lula e a crise econômica mundial. Paulo Bernardo apresentou indicadores brasileiros nas políticas setoriais, incluídas no Plano Plurianual. “A grande preocupação do governo foi minimizar a crise no Brasil. É impossível não sentir o efeito, mas o propósito foi ajudar o mundo a sair da crise”. Em políticas na área de saúde, Paulo Bernardo destacou que 109,9 milhões de pessoas são atendidas pelo programa Saúde da Família. Ressaltou, também, que a escolaridade média brasileira, segundo dados de 2006, é de 51% da população.

Marina Silva

29 de abril de 2010



Professora de História, líder estudantil, sindicalista, Vereadora, Deputada Estadual, Senadora, Ministra do Meio Ambiente e candidata à Presidência da República.

Tema: Desafios da sustentabilidade e conjuntura brasileira. Marina Silva mostrou a necessidade de preservação da vida, algo tão frágil, principalmente em um país que, como ela ressalta, é uma potência ambiental. Para a ambientalista, apenas o desenvolvimento sustentável – que é um conceito ainda em construção – pode assegurar a manutenção da vida. Nesse aspecto, além dos princípios sociais, culturais, econômicos e culturais da sustentabilidade, ela acrescenta mais: a dimensão ética e a dimensão estética.

Sobre a dimensão ética, cita Leonardo Boff, para quem a ética é tudo o que promove ou protege a vida. “Também o mestre [Deus] disse: Tenham vida, e vida em abundância”, lembrou. Com relação ao outro princípio, ressaltou o valor estético da natureza, por exemplo. Ao atentar para todas essas dimensões da sustentabilidade, ela acredita que a vida pode ser preservada para as gerações futuras. “Somos responsáveis pela sucessividade da vida”, comentou.

Para atingir esse objetivo, a senadora aposta na riqueza do conhecimento do povo. “Precisamos passar por uma desadaptação criativa, temos que aprender a ler a realidade”, sugeriu. Marina Silva acredita que os brasileiros precisam construir um modelo que busque as diferentes formas de ser. “No Brasil temos 220 povos que falam 180 línguas”.

Eliane Cantanhêde

13 de agosto de 2010

Jornalista, colunista do jornal Folha de São Paulo. Foi colunista do Jornal do Brasil e do Estado de São Paulo, além de diretora de redação das sucursais de O Globo, Gazeta Mercantil e da própria Folha em Brasília.

Tema: Panorama político brasileiro e as eleições presidenciais no Brasil em 2010. Segundo Eliane Cantanhêde, para falar de política, é preciso, primeiramente, situar o Brasil no cenário internacional. Ela destacou que o país é uma potência mundial, que ocupa entre a oitava e a nona posição no *ranking* do Produto Interno Bruto (PIB). Entretanto, lembrou que, no *ranking* do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), ocupa o 75º lugar, sendo, portanto, um país com uma grande desigualdade social.

A jornalista defende que é papel da imprensa romper com a unanimidade, ainda mais em um país com tantas assimetrias. “Dos eleitores, 9 milhões são analfabetos e outros 19 milhões sabem ler, mas não frequentaram salas de aula. O país tem, dessa forma, 28 milhões de analfabetos funcionais que irão às urnas em 2010”, afirmou.



Marcio Pochmann

18 de março de 2011



Presidente do IPEA, graduado em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutor em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas, onde é professor livre docente. Renomado pesquisador das áreas de Políticas Sociais e do Trabalho, Pochmann tem dezenas de publicações, livros e artigos acadêmicos sobre política e relações de trabalho e sindicalismo.

Tema: O Brasil, seus problemas e perspectivas de solução. Marcio Pochmann traçou o contexto histórico do desenvolvimento econômico brasileiro e ressaltou que um grande salto econômico depende de ousadia para a mudança. “O que nos impede de construir um país à altura do que sonhamos para ele é o medo de ousar. A visão de mundo que temos é de pessoas que não vivem mais. Temos que deixar de ser governados pelos mortos”, enfatizou.

Tal mudança, segundo ele, só pode ocorrer com educação continuada, profissionais capacitados para antever soluções para problemas futuros. Pochmann lembrou que conhecimento é a capacidade de organizar e sistematizar as informações. Por isso, destacou que é preciso repensar o ensino. “Somos ignorantes no entendimento de nossa realidade”, e acrescentou: “vivemos em uma sociedade individualizada, individualista, uma sociedade da solidão, egoísta e doente”.

Nesse cenário, apontou as mudanças demográficas e da configuração do trabalho, que acentuaram a criação de uma sociedade sem diálogo. Para ele, um diagnóstico sobre a sociedade atual somente pode ser realizado a partir da produção coletiva de conhecimento. “Eventos como este nos ajudam a pensar o Brasil que queremos”, observou.

Jornalista e escritor. É autor de “1808 - Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil”, que trata da vinda da família real portuguesa ao Brasil; e “1822 - Como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil – um país que tinha tudo para dar errado... e, no entanto, deu certo”, que trata da Independência do Brasil.

Tema: O Brasil de ontem e hoje. “Precisamos olhar para o passado para entender o presente e pensar no futuro. O Brasil de hoje está em busca de explicação para sua realidade. Esta é a razão para estudar História”, afirmou Gomes. Ele destacou que suas obras mostram a construção do Brasil em linguagem jornalística. “Não sou historiador acadêmico, sou jornalista, mas uso bibliografia autorizada e o rigor da apuração jornalística”, explicou.

Sobre o interesse crescente da população por temas ligados ao passado, Gomes usou uma explicação do geógrafo baiano Milton Santos. “Ele previu a globalização, que todo *shopping center*, em qualquer lugar do mundo, seria igual, todos se vestiriam iguais, assistiriam às mesmas coisas; previu a pasteurização das culturas e disse que para descobrirem o que têm de diferente e entenderem de onde vieram, as pessoas buscariam o lado espiritual e a História”.

Laurentino Gomes

24 de março de 2011



Criselli Montipó

Contardo Calligaris

19 de Agosto de 2011



Psicanalista e escritor. Escreve coluna desde 1999, na Ilustrada, do jornal Folha de S. Paulo, em que analisa temas do cotidiano do país. Escreveu, entre outros, Adolescência (2001, série "Folha Explica", Publifolha), Terra de ninguém (2004, Publifolha), Cartas a um jovem terapeuta (2007, Elsevier) e o romance O conto do amor (2008, Companhia das Letras) já negociado para o cinema. Calligaris também é autor de A Mulher de Vermelho e Branco (2011, Companhia das Letras).

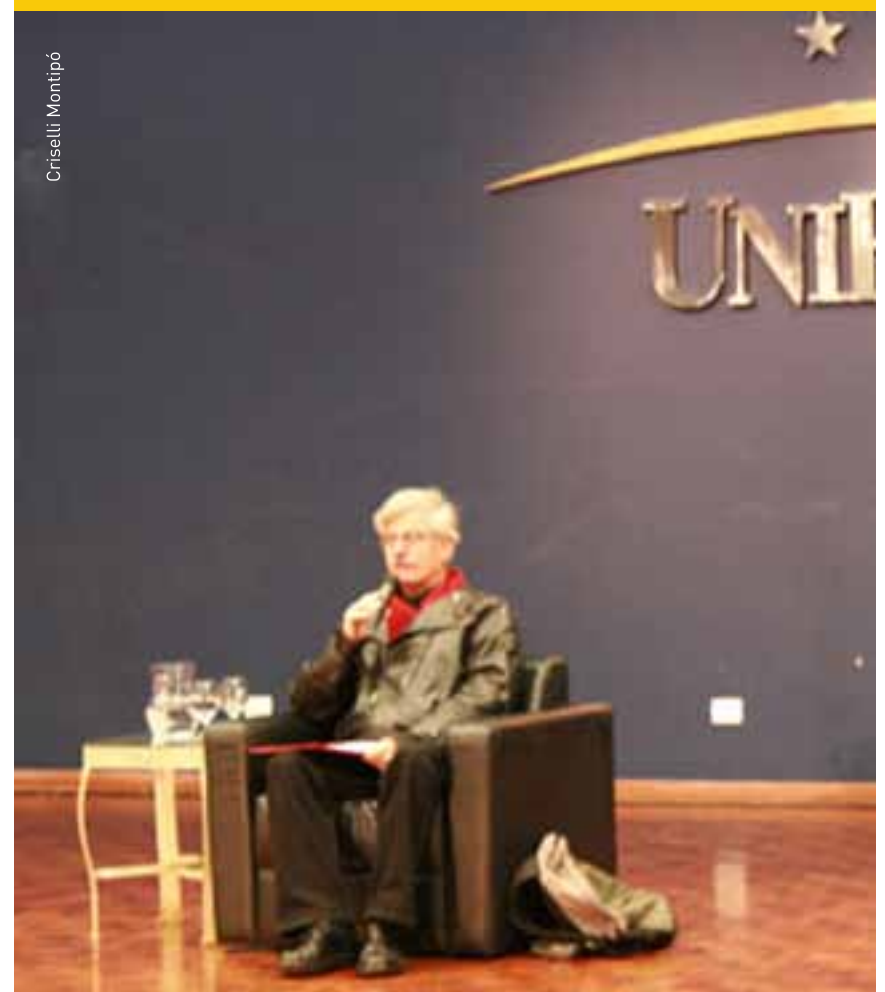
Tema: Catástrofes e esparadrapos. De forma provocativa, explicou o tema de sua palestra: "O esparadrapo pode ser reutilizado, basta colocar os esparadrapos no lugar certo e usar os dedos", brincou. Lembrou do narcisismo, como patologia da incerteza. "Muitas coisas mudaram e a maior mudança foi na imagem de si. Não se trata de uma nova autoestima, mas perdemos a imagem da caricatura no olhar dos outros. Agora nós não sabemos quem somos e isso é muito bom, quem nós somos depende do olhar dos outros". Ressaltou o papel da ficção na condição depressiva: "A depressão é a desvalorização do cotidiano, o centro da condição depressiva é desprezar a trivialidade cotidiana. A ficção é um exercício no qual damos legitimidade e reconhecemos o charme do cotidiano, assim, acredito na ficção e na teoria narrativa como cura da depressão".

Pensador marxista brasileiro, radicado na França, onde realizou doutorado, Calligaris é graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e Diretor de Pesquisas do *Centre National de la Recherche Scientifique*. Profundamente engajado em causas sociais, foi membro ativo de várias organizações de esquerda e influenciou decisivamente a fundação e a orientação ideológica de vários partidos políticos.

Tema: Eco-socialismo. Michael Löwy dividiu sua palestra em dois capítulos, Pessimismo da Razão e Ativismo da Vontade. Na primeira parte da noite, Löwy discorreu sobre como nossa situação atual – Aquecimento Global – pode piorar ainda mais se nada for feito. Na segunda parte da palestra, o pensador marxista falou sobre como podemos tentar mudar as atitudes coletivas, utilizando o eco-socialismo como base para tentar mudar a realidade atual da política capitalista, instalada em quase todo mundo. "O eco-socialismo surgiu por volta das décadas de 60 e 70 como uma linha de pensamento que foi se desenvolvendo e se ramificando por vários países, criando várias redes pelo mundo. O Brasil se tornou um entusiasta da causa e hoje detém uma das maiores redes eco-socialistas do mundo, responsáveis por desenvolver manifestos sobre o tema. Nossos objetivos são convencer nossos amigos socialistas de que a preocupação com a ecologia deve ser levada em consideração, e convencer nossos amigos ecologistas de que eles têm de atacar o problema pelo lado político".

Michael Löwy

14 de setembro de 2011



Patrus Ananias é advogado, Mestre em Direito Processual e doutorando em Filosofia pela Universidade Complutense de Madri. No governo Lula, implantou o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, coordenou, entre outros programas, o Fome Zero e o Bolsa Família.

Tema: Políticas Públicas Brasileiras e Direitos Humanos. As Faculdades Integradas do Brasil encerraram as edições de 2011 do Projeto UniBrasil Futuro em 22 de novembro, com a exposição em que Patrus Ananias afirmou ser fundamental consolidar e ampliar as políticas públicas sociais existentes. “Para combater a miséria, precisamos trabalhar com referência no salário mínimo, por isso eu defendo que o Plano Brasil Sem Miséria seja reajustado para R\$ 140,00, para que seja, de fato, um plano de combate à pobreza”.

A educação foi outra questão apontada como fundamental: “Precisamos garantir às crianças pobres educação de qualidade desde o início, por meio de creches implantadas nas comunidades mais carentes e, a partir daí, acompanhar o Ensino Fundamental, o Ensino Médio, o Técnico Profissional e investir no Ensino Superior”, afirmou o palestrante. “Mas vejo como desafio imediato e como um passo vigoroso para salvamos uma geração a questão das creches e da Educação Infantil”.

Segundo o ex-ministro, um caminho a trilhar no Brasil é uma ação integrada dos governos municipal, estadual e nacional. “É preciso olhar os territórios e suas características geográficas e econômicas e buscar uma integração dos gestores públicos e, a partir daí, um envolvimento com a comunidade, na perspectiva de uma democracia participativa”.

Patrus Ananias

22 de Novembro de 2011



Geanine Ditzel

GALERIA DE FOTOS



Clèmerson Merlin Clève, presidente da UniBrasil; Gustavo Franco; Sérgio Ferraz de Lima, diretor geral da UniBrasil; Claudio Marlus Skora, coordenador do curso de Administração e Jairo Marçal, diretor acadêmico da UniBrasil



Celso Ludwig, professor da UFPR; Clèmerson Merlin Clève, presidente da UniBrasil; Michael Löwy; Wilson Ramos Filho, diretor e sócio fundador da UniBrasil e Sérgio Ferraz de Lima, diretor geral da UniBrasil



Wilson Ramos, diretor e sócio fundador da UniBrasil; Jairo Marçal, diretor acadêmico da UniBrasil; Patrus Ananias; vereador Jair César e Fernando Antônio Alves, diretor administrativo e financeiro da UniBrasil



Murilo Zanello Milléo, diretor de infraestrutura da UniBrasil; Jairo Marçal, diretor acadêmico da UniBrasil; Marina Silva; Sérgio Ferraz de Lima, diretor geral da UniBrasil e Wanda Camargo, coordenadora do Projeto UniBrasil Futuro